

MARIA EUGENIA MIGUES DE LEÓN

**FILOSOFIA E CIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DE “ANDAREM JUNTAS” NO
COTIDIANO ESCOLAR.**

CURITIBA

2011

MARIA EUGENIA MIGUES DE LEÓN

**FILOSOFIA E CIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DE “ANDAREM JUNTAS” NO
COTIDIANO ESCOLAR.**

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Filosofia da
Educação: ética, política e educação, do
Setor de Educação da UFPR, como
requisito parcial à obtenção do grau de
especialista.

Orientador: Prof. Dr. Gelson João Tesser

CURITIBA

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

FILOSOFIA E CIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DE “ANDAREM JUNTAS” NO COTIDIANO ESCOLAR.

Por

MARIA EUGENIA MIGUES DE LEÓN

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: ética, política e educação, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dra. Karen Franklin
Departamento de Filosofia, UFPR

Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn
Departamento de Filosofia, UFPR

Orientador: Prof. Dr. Gelson João Tesser
Departamento de Filosofia, UFPR

Curitiba, novembro de 2011

RESUMO

Esta monografia busca trazer fundamentos da filosofia e da ciência e como acontecem as relações entre estas no cotidiano escolar. No presente trabalho serão expostas concepções teóricas de pensadores como Dewey e Lipman entre outros, pretendendo-se com a colocação dos argumentos destes, contextualizar a importância da reflexão filosófica como mediadora no processo de formação dos educandos, visando que obtenham uma preparação para o exercício da reflexão sobre os conhecimentos científicos adquiridos na escola e para que também possam entender a aplicabilidade deles na sua vida, dando-lhes sentido. A pesquisa apóia-se também em dados obtidos mediante questionários realizados com docentes atuantes no Ensino Fundamental do Brasil e do Uruguai, buscando a contribuição dos mesmos no que se refere às relações entre filosofia e ciência na prática pedagógica, vendo que o país vizinho, Uruguai dá mais destaque ao processo de formação no sentido da fundamentação na co-relação entre filosofia, ciência e seus métodos.

Palavras – chave: Filosofia, Ciência, Educação.

RESUMEN

Esta monografía busca traer fundamentos de la filosofía y de las ciencias y como se suceden las relaciones entre estas en el cotidiano escolar. En el presente trabajo serán expuestas concepciones teóricas de pensadores como Dewey y Lipman entre otros, pretendiéndose con la colocación de argumentos de estos, contextualizar la importancia de la reflexión filosófica como mediadora en el proceso de formación del alumnado, con vista a que obtengan una preparación para el ejercicio de la reflexión sobre los conocimientos científicos adquiridos en la escuela y para que también puedan entender la aplicabilidad de los mismos en su vida, dándoles sentido. La investigación se apoya también en datos obtenidos mediante encuestas realizadas con docentes actuantes en la Enseñanza Primaria del Brasil y del Uruguay, buscando una contribución de estos en lo que se refiere a las relaciones entre filosofía y ciencias en la práctica pedagógica, viendo que el vecino país, Uruguay da más destaque al proceso de formación en el sentido de la fundamentación en la correlación entre filosofía, ciencias y sus métodos.

Palabras – clave: Filosofía, Ciencia, Educación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1	
Fundamentos teóricos da Filosofia e da Ciência.....	9
CAPÍTULO 2	
A importância da reflexão na formação do educando.	14
CAPÍTULO 3	
Análise dos questionários realizados com docentes do Brasil e do Uruguai	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICES	26
QUESTIONÁRIO.....	27
ANEXOS.....	29
RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS.....	30

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa pretende-se focar a necessidade de uma relação não dualista entre o saber filosófico e o pensamento científico na sala de aula, apresentando conceitos de filosofia e suas relações com a educação. De maneira modesta com o olhar de pedagoga evidencia-se também a relação entre ciência, filosofia e educação a partir da manifestação de docentes do Uruguai e do Brasil.

Coloca-se ainda a importância da filosofia como disciplina, e complemento das demais disciplinas na escola, onde o papel do professor é de orientador de um pensamento científico - filosófico. Este, como profissional reflexivo, segundo coloca Giroux, é preciso que se dedique à formação intelectual dos educandos na “produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais”. (GIROUX, 1997, p.161). Nisto entra a filosofia da ciência, através da qual se pretende abrir à possibilidade de questionar a visão cristalizada e definitiva que muitas vezes é colocada a respeito da mesma.

É necessário que o educador na sala de aula leve os alunos a terem uma visão crítico-reflexiva sobre a ciência e sobre avanços científicos que permeiam o nosso tempo. As mesmas sugerem amplas discussões e questionamentos, que precisam ser aprofundadas no cotidiano escolar com a finalidade de que os alunos se tornem profissionais que possam agir ativamente na sociedade, com responsabilidade e iniciativa. Não sendo estes somente dotados de conhecimentos “estéreis”, mas como Morin coloca, podendo dispor de “uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas e de princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido”. (MORIN, 2002, p.21)

Desta maneira, a filosofia proporciona ao aluno a habilidade de empregar critérios e poder refletir por si mesmo, não somente sobre conceitos filosóficos, mas também sobre os demais conteúdos escolares. Neste contexto é possível observar que muitas escolas do Brasil proporcionam o conteúdo já pronto para os alunos através das apostilas. Nestas, o conhecimento já está resumido e dotado de opiniões dos autores, não permitindo que o aluno possa de forma autônoma pesquisar o que será trabalhado em sala e tirar as suas próprias conclusões. Também este tipo de material escolar impede que o professor possa construir junto

com os alunos os conceitos que levarão os mesmos a adquirir saberes e posteriormente a refletir sobre eles. Já no Uruguai, os alunos não possuem uma apostila que complemente o material escolar, o educador incentiva os educandos a que estes pesquisem os conteúdos que serão trabalhados e assim juntos, na sala de aula poderão construir os saberes que serão abordados. É necessário que o professor tenha um pensamento aberto e crítico, incentivando os alunos a refletirem sobre o que estão aprendendo.

A filosofia como instrumento de reflexão dentro de cada conteúdo é essencial, pois de acordo com Lipman, a filosofia é interdisciplinar, desta forma

Toda matéria parece ser mais fácil de aprender quando seu ensino é inspirado pelo espírito aberto, crítico e de rigor lógico característico da filosofia; mas, além disso, a filosofia é ensinada como uma disciplina autônoma e independente para que estudantes e professores nunca a percam de vista como um modelo criativo, ainda que disciplinado, de investigação intelectual. (LIPMAN, 1990, p.20).

Mediante este trabalho, também objetiva-se conhecer a prática educativa e como esta relação entre filosofia e ciência tem se dado no cotidiano escolar. A razão disto, na seguinte pesquisa se realizará questionários nos quais será proposto a docentes dissertar sobre a importância que eles dão à filosofia na sala de aula, não necessariamente como disciplina, mas como se utilizam desta para inculcar a reflexão sobre os saberes científicos ensinados na escola. É importante então conhecer a experiência dos educadores, não somente de diferentes escolas, mas porque não de outros países, a fim de aprender e, talvez contribuir com as práticas que estão sendo realizadas na escola, no nosso tempo.

No primeiro capítulo serão colocados fundamentos teóricos a respeito da filosofia e da ciência, da convergência entre elas e do papel da educação como mediadora de conhecimento. No mesmo serão citados autores como Bachellard, Heidegger, Kant, Lauand e Morin.

No capítulo seguinte será destacada a relevância da reflexão mediante o conhecimento filosófico para a formação do educando, considerando a importância das experiências que este tenha vivenciado. Neste serão colocados conceitos fundamentais de Alves, Dewey e Lipman.

A análise das entrevistas além de observações e conceitos pessoais da minha experiência como aluna e docente na prática educativa serão abordados no terceiro capítulo. Também serão levantados dados obtidos de questionários realizados com quatro professores do Ensino Fundamental, dois do Brasil e dois do Uruguai, com o mesmo perfil de docência, buscando uma comparação no ponto de vista dos mesmos a respeito da importância e da relevância que é dada à filosofia na sala de aula. Segundo observações já realizadas no papel de aluna no Uruguai, (no período de 1984-1999) e de professora no Brasil (de 2000 até hoje), pude constatar que na prática docente do primeiro, existe uma preocupação maior com o *processo* na educação, diferente do segundo que se preocupa mais com o *produto*. Acredito que isto se deva à importância que é dada à filosofia e ao filosofar sobre as ciências e conteúdos propostos no cotidiano escolar.

Partindo desse pressuposto, através dos questionários será possível observar o que se vem propondo em termos de contribuições da filosofia nas escolas de Ensino Fundamental nos países mencionados. Nas questões colocadas aos docentes, eles dissertarão sobre a importância dos subsídios da filosofia na formação do ser humano, como ela contribui na educação e como é desenvolvida a prática pedagógica no cotidiano escolar, relacionando filosofia e ciência.

CAPÍTULO 1

Fundamentos teóricos da Filosofia e da Ciência

A filosofia faz parte do homem, está nele, pertence a ele. Heidegger afirma que mesmo que este não tenha vastos conhecimentos teóricos filosóficos, o homem “faz filosofia”, pois esta o auxilia no conhecimento de si mesmo. Ainda, “não filosofamos apenas vez por outra, mas de modo constante e necessário porquanto existimos como homens”. (HEIDEGGER, 2008, p.3), portanto, ser homem significa filosofar. A filosofia pode manifestar-se em diferentes áreas da vida do ser humano e este não necessariamente irá reconhecê-la, mais deve tornar-se uma necessidade interna de sua essência, pois esta lhe fornece diferentes possibilidades e maneiras de pensar com liberdade.

Martin Heidegger também destaca a importância da relação entre filosofia e ciência colocando que esta não é nenhuma disciplina e tampouco uma ciência, filosofia é o próprio ato de filosofar. Quanto às ciências, estas

não são uma acumulação ou um amontoamento de saber que é ensinado e aprendido de maneira técnico-disciplinar. Ao contrário, pertence primariamente ao conceito de ciência que ela seja investigação. A ciência só existe em meio à paixão de perguntar, em meio ao entusiasmo de descobrir, em meio à inexorabilidade da prestação de contas crítica, da demonstração e da fundamentação. (HEIDEGGER, 2008, p.15)

Neste contexto pode-se dizer então que a ciência e a pesquisa científica devem ser fundamentadas pela reflexão filosófica, pois esta leva à indagação, à investigação à busca de respostas.

Rubem Alves coloca que ser bom em ciência não é ter as respostas prontas, dadas, mas sim incentivar a criar soluções. O autor afirma que “pessoas que sabem as soluções já dadas são mendigos permanentes. Pessoas que aprendem a inventar soluções novas são aquelas que abrem portas até então fechadas e descobrem novas trilhas”. (ALVES, 1991, p.19). Desta maneira, o homem torna-se capaz de exercer sua autonomia de pensamento, de questionar e chegar as suas próprias conclusões a partir do momento que passa pelo processo de reflexão, decorrente de suas próprias experiências.

Filosofar é próprio do homem como ser racional que diante das circunstâncias procura olhar para o mundo na tentativa de compreendê-lo como um todo, para que possa melhor refletir sobre sua vida e sua existência, seus problemas e questionamentos. A filosofia em si não tem um fim imediatamente utilitarista. Segundo Lauand: “filosofar é algo que tem sentido em si mesmo, sua legitimidade não decorre de que sirva para isto ou para aquilo, precisamente por isso é livre. A filosofia sempre foi entendida como a mais livre dentre as artes liberais” (LAUAND, 1987, p. 64). A filosofia contribui para uma melhor compreensão do mundo e das suas relações com a existência humana, sendo assim esta se torna essencial para a formação reflexiva do homem. Com a filosofia não se trata de descobrir uma realidade nova, mas de ver mais claramente o mundo que nos cerca, ela visa uma apreensão intuitiva do objeto em si e da realidade sem pretender um resultado como é a característica da ciência.

“O filosofar é essencialmente abertura para o todo do real e, por isso distingue-se das ciências particulares. Tal abertura para a totalidade faz parte da essência do homem, enquanto ser espiritual e constitui a vocação da universidade”. (LAUAND, 1987, p 132).

Na perspectiva de Morin, a filosofia colabora com o “pensamento do espírito problematizador”, ele afirma que esta é

Uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia, hoje retraída em uma disciplina quase fechada em si mesma, deve retomar a missão que foi sua [...] sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. (MORIN 2002, p.23).

Neste contexto, o autor coloca que cabe ao professor de filosofia conduzir os alunos à reflexão, mostrando ao educando que este deve interiorizar os conhecimentos a fim de torná-los sabedoria. Diz que “na educação, trata-se de transformar as informações em conhecimento, de transformar o conhecimento em sapiência” (MORIN 2002, p.47), pois, a missão da filosofia é contribuir para o aprendizado da vida, para a tomada de consciência da condição humana. Considera

então que há uma necessidade de uma “reforma de pensamento”, onde se formem cidadãos capazes de enfrentar as dificuldades que permeiam a sua época.

A respeito da ciência, Edgar Morin sustenta que esta deve ser reatada com a reflexão filosófica e a filosofia com a ciência, visando desenvolver um pensamento científico com consciência intelectual através da aptidão auto-reflexiva, pois “ciência sem consciência é apenas a ruína do homem”. (MORIN 1996, p.11). Ainda considera a maneira como mudou o papel da ciência e dos cientistas, já que originalmente, estes além de cientistas também eram filósofos, mas hoje a ciência é “poderosa” e controlada por poderes do Estado. Ele afirma,

Parece que nos aproximamos de uma temível revolução na história do saber, em que ele, deixando de ser pensado, meditado, refletido e discutido por seres humanos, integrado na investigação individual de conhecimento e de sabedoria, se destina cada vez mais a ser acumulado em bancos de dados, para ser, depois, computado por instâncias manipuladoras, o Estado em primeiro lugar. (MORIN 1996, p.17)

Assim, paradoxalmente o desenvolvimento da ciência acompanha o crescimento da inconsciência do homem, enquanto que a resignação à ignorância é instaurada pelo crescimento do conhecimento, segundo observa Morin.

Na visão de Bachelard, na atualidade, o saber científico está em pleno desenvolvimento, mas sempre dependendo das ideologias humanas, sejam estas religiosas, políticas, éticas, etc. Segundo o autor, os cientistas não consideram útil a análise sistemática metafísica, considerando de maior importância a análise da experiência ou da razão para o seu trabalho. O filósofo coloca que, “para eles, a hora da filosofia só chega depois do trabalho efetivo; concebem pois a filosofia das ciências como um resumo dos resultados gerais do pensamento científico...” (BACHELARD, 1976, p.8).

O autor ainda afirma que o papel do filósofo é tomar consciência durante a reflexão, da coerência e da unidade do pensamento.

Em concordância com Bachelard, a filosofia deve ser levada em consideração e de forma complementar à ciência, pois esta última que faz uso da observação e da razão, necessita um pensamento sistemático filosófico que o preceda e analise desde as hipóteses até os resultados obtidos na experiência científica.

Na perspectiva de André Comte-Sponville, “a filosofia não é uma ciência, nem mesmo um conhecimento; também não mais um saber: é uma reflexão sobre os saberes disponíveis. O ser humano é um animal filosofante só pode renunciar à filosofia renunciando a uma parte de sua humanidade.” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p.14 e 16). Para este autor, a filosofia tem mais um caráter de ser uma reflexão sobre os saberes adquiridos na escola, na sociedade e no mundo da vida, isto é, nas experiências que o homem vivenciou. O ser humano tem necessidade de filosofar para refletir sobre as situações existenciais, sobre a sua vida, sobre o que quer o que sabe e o que vive. Segundo Comte-Sponville, o ato de filosofar pretende alcançar, na medida do possível a sabedoria, e através desta uma vida mais lúcida e mais livre. Esta busca do conhecimento nunca deve acabar, mas sim deve progredir, não considerando que se chegue a uma verdade absoluta, como os dogmáticos nem mesmo acreditando que não exista uma verdade ou que esta seja inalcançável.

Ainda, o saber filosófico diferentemente de outros, é muito particular, já que

Nenhuma ciência expõe, que nenhuma demonstração válida, que nenhum laboratório poderia testar ou atestar, enfim, que nenhum diploma sanciona. Pois não se trata de teoria, mas de prática. Não se trata de evidências, mas de vivências. Não se trata de experimentação, mas de exercícios. Não se trata de ciência, mas de vida. (COMTE-SPONVILLE, 2001, p.119).

A filosofia serve para qualquer idade, a partir do momento em que o homem domina mesmo que de forma mínima o seu pensamento e sua linguagem, isto é, desde a infância ele pode filosofar. O autor também coloca que o exercício da reflexão deve fazer parte da vida do homem o antes possível, pois ela é frágil e também preciosa, e se demorar em filosofar, em aprender a viver, pode ser demasiado tarde. A filosofia trará para o ser humano lucidez, liberdade, felicidade, enfim, sabedoria para a sua vida.

No que se refere ao papel da educação segundo a visão de Kant, esta deve proporcionar ao homem: disciplina, cultura, prudência e moralização. Afirma também que “uma educação pública completa é aquela que reúne, ao mesmo tempo, a instrução e a formação moral.” (KANT, 1996, p. 26, 27 e 31). A educação é o que fará com que o indivíduo se forme verdadeiramente um homem, tornando-se este fruto da sua própria educação.

Sobre a importância da educação, na perspectiva do autor, ele define que

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 1996, p. 19)

A educação, portanto, é uma transmissão de conhecimentos, que não visa somente o indivíduo, mas sim a humanidade e que considera também as experiências adquiridas por cada geração para poder transmiti-los às novas, aprimorando assim a natureza humana. O ato de educar é considerado pelo autor como uma das responsabilidades mais difíceis que cabem ao homem, por isso deve ser feita pouco a pouco, de forma gradativa considerando o que cada geração terá de acrescentar com a finalidade de aperfeiçoá-la.

Kant defende que se ensine a criança a pensar, pois o treino não é suficiente. É necessário que o homem se torne independente, aprendendo desde cedo as dificuldades que enfrentará na sociedade e como deverá valer-se por si mesmo.

Este estado de dependência do homem, o autor o denomina de menoridade, e este somente pode sair dela através do conhecimento. “A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo”. (KANT, 1985, p. 63). A condição de menoridade faz parte da natureza humana, pois o comodismo impede o homem de refletir, de pensar e questionar por si mesmo se apoiando no pensamento, no direcionamento de outro.

No cotidiano escolar observa-se claramente esta condição na que os professores proporcionam aos alunos os conhecimentos prontos, desta forma os estudantes não tem lugar ao questionamento, apoiando-se mecanicamente no conhecimento que lhes foi transmitido. Neste sentido, cabe ao professor como mediador de conhecimento incentivar os seus alunos a questionarem, fornecer ferramentas, para que mediante a reflexão filosófica possam produzir o seu próprio conhecimento, saindo da minoridade, e alcançando a independência que Kant coloca como necessária para enfrentar as resistências da sociedade.

CAPÍTULO 2

A importância da reflexão na formação do educando

No cotidiano escolar, é notória a importância que sempre foi dada às ciências, e o descaso para com a filosofia quanto disciplina, como se de alguma forma houvesse uma grande distinção entre elas. Podemos também destacar como no Brasil, além de serem disciplinas isoladas, a filosofia (juntamente com a sociologia) foi abolida do currículo escolar durante um longo período¹, evitando assim que os alunos tenham um pensamento mais reflexivo e autônomo.

Neste contexto, John Dewey destaca a importância e a necessidade da reflexão filosófica. Apontando o que é filosofia, o autor a define como uma tentativa para entender as particularidades do mundo e da vida como um todo, cabendo ao filósofo alcançar esta concepção da experiência unificada e o mais completa possível. Diferentemente da ciência, a filosofia se preocupa com a atitude que o homem tem perante os fatos descobertos, com as considerações que irão nortear a conduta do indivíduo, pois “quando perguntamos que espécie de atitude permanente ativa para com o mundo as relações científicas exigem de nós, estamos a formular uma questão filosófica” (DEWEY, 1936, p.399), pois a filosofia “é uma idéia do que é possível, e não um registro de fatos consumados” (DEWEY, 1936, p.401), como é o conhecimento científico. Desta maneira pode-se perceber o papel da filosofia como o próprio ato de pensar, de refletir e não de necessariamente proporcionar soluções para a resolução de problemas, mas sim sugerir métodos para a análise e reflexão destes.

Dewey também ressalta que há uma grande necessidade do homem aprender para que haja uma continuidade na sua existência social, ele coloca que “a educação é para a vida social aquilo que a nutrição e a reprodução são para a vida psicológica” (DEWEY, 1936, p.29). Esta educação deve ser complementada pela comunicação, pois segundo o autor, ela consiste prioritariamente na transmissão de conhecimento mediante o diálogo. A escola torna-se então um agente para a

¹ As disciplinas de Filosofia e Sociologia foram banidas do currículo escolar durante a ditadura militar brasileira, mas a implantação das mesmas foi aprovada em 2006, através do parecer CNE/CEB nº 38/2006 no Conselho Nacional de Educação, homologado em agosto de 2006.

efetivação desta transferência de saberes, mesmo que relativamente superficial, pois transmite informações muitas vezes sem estimular a liberdade do pensamento individual tornando-se estas sem aplicabilidade para a vida dos alunos. “A comunicação pode servir de estímulo para a outra pessoa compreender a questão e conceber uma idéia semelhante, ou pode abafar seu interesse intelectual e aniquilar seu incipiente esforço para pensar” (DEWEY, 1936, p.206). Por isto, o professor deve promover condições para que seja estimulado o pensamento do aluno, a fim de que este encontre seu próprio caminho para a produção dos saberes. Confirmando este pensamento, o autor ainda coloca que

Conhecimentos informativos separados da ação reflexiva são conhecimentos mortos, peso esmagador para o espírito. Como simulam os verdadeiros conhecimentos, segregam o veneno do preconceito e são poderoso obstáculo para o ulterior desenvolvimento de inteligência. O único caminho direto para o aperfeiçoamento duradouro dos métodos de ensinar e aprender consiste em centralizá-los nas condições que estimulam, promovem e põem em prova a reflexão e o pensamento. (DEWEY, 1936, p.197-198)

Para este processo reflexivo, Dewey propõe primeiramente que se considere a experiência do aluno, pois nesta o individuo dará uma realização aos impulsos da sua atividade, tendo uma interação da sua energia com o material empregado na mesma. Coloca que “A reflexão é o método de uma experiência educativa, o método de educar. Os pontos essenciais do método coincidem, portanto, com os pontos essenciais da reflexão” (DEWEY, 1936, p.211). Ainda, o autor sustenta cinco pontos fundamentais que permeiam o processo educativo mediante a reflexão, estes são:

Primeiro, que o aluno esteja em uma verdadeira situação de experiência (...); segundo, que um verdadeiro problema se desenvolva nesta situação como um estímulo para o ato de pensar; terceiro, que ele possua os conhecimentos informativos necessários para agir nessa situação e faça as observações necessárias para o mesmo fim; quarto, que lhe ocorram sugestões para a solução e que fique a cargo dele o desenvolvê-las de modo bem ordenado; quinto, que tenha oportunidades para por em prova suas ideias, aplicando-as, tornando-lhes clara a significação e descobrindo por si próprio o valor delas. (DEWEY, 1936, p.211)

Desta maneira, fica clara a relevância que a reflexão das informações transmitidas pelo educador para o educando e as experiências vivenciadas por este

têm para o desenvolvimento de um processo educativo de qualidade, pois formará um aluno capaz de compreender a sociedade e os problemas que fazem parte dela.

Neste contexto, e ainda empregando as concepções teóricas de John Dewey, este destaca a importância de que o aluno pense por si só e não somente reproduza o conhecimento que lhe é transmitido, porque dessa forma irá memorizá-lo e não assimilá-lo. Cabe então aos educadores orientar o aluno a questionar sobre os pressupostos científicos, a fim de que este não se aproprie somente do conhecimento que lhe é transmitido (mediante livros, apostilas ou até mesmo pelo conhecimento do professor), mas também que possa entendê-lo e questioná-lo, produzindo o seu próprio conhecimento e experiências. O autor então se questiona, “quantos (estudantes) adquirem habilidades por meio de exercícios de automatismo e assim limitam a capacidade de julgar e agir inteligentemente em situações novas?” (DEWEY, 1971, p.15), associando assim o processo de aprendizagem com algo cansativo e tedioso, perdendo o gosto pelo saber.

A importância de que os alunos possuam suas próprias experiências está associado plenamente com o processo educativo que este vivenciará, pois o educando terá uma interação direta com os elementos da experiência que lhe proporcionarão um melhor aprendizado. Neste contexto, J. Dewey coloca que “A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas” (DEWEY, 1971, p.17). Ele ainda afirma que, quando a experiência é reflexiva, naturalmente haverá uma aquisição de conhecimentos, enriquecendo de uma forma significativa o espírito humano. Nisto então consiste o processo educativo, um fenômeno da vida do ser humano que continuamente está em reconstrução e reorganização das experiências adquiridas, refletindo sobre as mesmas e melhorando assim ao longo da vida a qualidade das próximas experiências. Dewey vê então a educação como “o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras.” (DEWEY, 1971, p.17). A educação, portanto, está associada ao resultado das experiências.

Quando a educação é concebida em termos de experiência, todas as áreas de estudo devem partir de materiais presentes na área de experiência (ambiente) da vida do aluno.

Constitui principio cardeal da mais recente teoria de educação dever toda instrução iniciar-se pela experiência que o aprendiz já possui: essa experiência e as capacidades desenvolvidas, durante esse período anterior (à escola), fornecem o ponto de partida de toda aprendizagem posterior. (DEWEY, 1971, p.75).

Nesse contexto, cabe ao educador selecionar as coisas dentro da órbita das presentes experiências que possam estimular o aluno suscitando novos problemas que mediante a observação e o julgamento contribuirá para experiências futuras.

Aquilo por que ansiamos e o de que precisamos é educação pura e simples. Faremos progresso mais seguro e mais rápido se nos devotarmos a buscar o que seja educação e quais as condições a satisfazer para que seja ela uma realidade e não um nome ou uma etiqueta. Por este só motivo é que procurei salientar a necessidade de uma adequada filosofia de experiência. (DEWEY, 1971, p.97).

É importante destacar também a diferença entre educação e treino, sendo este “uma forma preliminar e incompleta de educação” segundo coloca John Dewey, já que o aluno acaba aprendendo mecanicamente, mas não é educado. Hoje, nas escolas podemos observar claramente isto, já que muitos educadores transmitem o conhecimento de forma mecânica e incompleta sem o intuito de que o aluno aprenda, pois este deve não só receber o conhecimento, mas entender o sentido e o uso do mesmo, desta forma estará processando-o e finalmente sendo educado.

De acordo com Lipman, os professores na escola devem cultivar a reflexão e comprometer-se com ela a fim de tornar a sala de aula um ambiente no qual possam ser explorados novos conhecimentos, não de uma forma estranha ao aluno ou intimidadora, mas promovendo uma descoberta agradável por parte dos mesmos, portanto, “... a sala de aula teria de se devotar ao raciocínio, à investigação, à auto-avaliação...” (LIPMAN, 1990, p.23).

Cabe então às escolas assumir esta responsabilidade e não cair nas *práticas funestas* que Dewey destaca como: a mecanização do saber, não permitir que se desenvolva a iniciativa para lidar com novas situações dentro do ambiente escolar e não levar em consideração a criatividade e os impulsos que os alunos já possuem.

O hábito de aprender diretamente da própria vida, e fazer que as condições da vida sejam tais que todos aprendam no processo de viver, é o produto mais rico que a escola pode alcançar. Graças a este hábito, a educação, como reconstrução contínua da experiência, fica assegurada como o atributo permanente da vida humana. (DEWEY, 1971, p.31)

Neste contexto, a filosofia apresenta um papel importante em inculcar a reflexão dos conhecimentos adquiridos na sala de aula e nas demais experiências do cotidiano dos alunos, pois na visão de Lipman, “a filosofia só terá seu lugar legítimo no núcleo curricular quando tiver mostrado aos educadores que pertence a ele”. (LIPMAN, 1990, p.23).

Historicamente a filosofia foi separada das crianças, e cujo acesso era somente proporcionado aos adultos, talvez porque somente nestes encontrava-se racionalidade, segundo coloca Matthew Lipman. O autor ainda afirma que outros criam a filosofia como algo muito difícil ou frívolo para as crianças, e deveriam ser protegidas já que “a dialética irá subvertê-las, corrompê-las, infectá-las com a desordem”. (LIPMAN, 1990, p.29). Mas em contraposição, ele acredita que

As crianças deveriam adquirir prática em discutir os conceitos que elas considerassem importantes. Fazer com que discutam assuntos que lhes são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhes interessa nem se interessam pelo que discutem. (LIPMAN, 1990, p.31).

Desta maneira o autor posiciona de forma muito clara o que sucede em decorrência de uma educação sem diálogo entre professores e alunos. Também o tipo de cidadãos que eles estão formando quando não promovem discussões e análise na sala de aula independentemente da disciplina sendo tratada, onde os alunos sejam instigados a refletir sobre os seus conhecimentos e experiências, interiorizando e entendendo o seu papel na sociedade no presente ou num futuro. Defende também que deve ser dada às crianças oportunidade de discutir tanto os fins quanto os meios e as relações entre estes, a fim de que não se tornem céticas. Afirma que muitos educadores vêm a filosofia para crianças como símbolo de status nas séries iniciais, já que muitos alunos gostam da disciplina ou até mesmo porque de alguma forma estimula as habilidades de raciocínio dos mesmos. Mas a filosofia não deve ser um modismo, pois perde seu sentido, já que esta aspira à reflexão pela reflexão. A investigação filosófica na sala de aula deve ter um objetivo que vise à

descoberta e resolução de problemas de forma organizada, e não como se apresenta no currículo escolar da maneira que Lipman chama de “mixórdia”, já que esta também no currículo escolar reduz nos educandos o senso de fragmentação dos conhecimentos.

Desta maneira Lipman sintetiza este pensamento afirmando que

Por ser a filosofia a disciplina que melhor nos prepara para pensar nos termos das outras disciplinas, tem de lhe ser dado um papel central nos estágios iniciais (assim como nos posteriores) do processo educacional. (LIPMAN, 1990, p.35).

CAPÍTULO 3

Análise dos questionários realizados com docentes do Brasil e do Uruguai

O perfil dos docentes participantes nos questionários realizados para complementar os estudos desta pesquisa, se enquadram em professoras regentes nas séries iniciais do Ensino Fundamental atuantes em escolas públicas, tanto as do Brasil como as do Uruguai.

Primeiramente, pelas respostas dadas à questão da importância de que a Filosofia e a Ciência caminhem juntas no cotidiano escolar, as professoras do Brasil destacam a importância das mesmas como disciplinas separadas, com a sua área de conhecimento específico a ser trabalhado, não significando que uma deixe de acompanhar a outra. Reconhecem que uma possível junção destes saberes contribuiria para uma educação que formariam cidadãos mais esclarecidos e que seriam capazes de com auxílio da filosofia, responder seus questionamentos.

De acordo com as respostas das docentes do Uruguai à mesma questão, é possível ver que a filosofia é considerada como parte da fundamentação do currículo escolar para todas as disciplinas, pois junto às ciências, o saber filosófico pretende formar um indivíduo com êxito nas diferentes áreas da vida que este se desenvolva. Ele deve estar preparado, segundo colocam as docentes, para refletir, analisar questionar e projetar suas concepções com um espírito crítico. É destacada também a relevância da filosofia como o saber que determina a própria educação a ser transmitida na escola.

A segunda questão proposta às professoras era dissertar sobre a sua prática docente relacionando o saber filosófico e o científico. No Brasil, as educadoras afirmam que é importante colocar a pesquisa filosófica dentro de todas as áreas de conhecimento, com possíveis discussões nos quais os alunos reflitam e considerem que o seu posicionamento perante a sociedade é fundamental. O saber filosófico auxiliaria aos alunos a que percebam as ações do homem em diferentes áreas da sociedade e na natureza, propondo discussões referentes a assuntos da atualidade.

A importância de considerar primeiramente as experiências, vivências e interesse dos alunos, é primordial para a elaboração de projetos (de qualquer disciplina) segundo colocam as docentes atuantes no Uruguai. Ainda afirmam que,

desta forma será possível que o indivíduo assimile os conteúdos para aplicá-los nos distintos âmbitos da sua vida, além da escolar.

De acordo com as respostas, pode-se observar que existe uma preocupação e interesse de colocar a reflexão filosófica dentro dos saberes escolares. As docentes do Brasil reconhecem a filosofia e a ciência como saberes a serem abordados separadamente, mesmo que elas destacam a importância de uma pesquisa filosófica para a vida do aluno, não significa que haja uma reflexão sobre a mesma.

Como docente também atuante no Ensino Fundamental do Brasil, desde 2001 até hoje, foi possível constatar o uso excessivo de apostilas por parte das escolas, com perguntas e respostas prontas que invalidam muitas vezes o processo de reflexão sobre o conteúdo a ser trabalhado se o professor não o incentiva. Como já citado anteriormente, Alves (1991) afirma que as respostas prontas não tornam o aluno melhor, ele deve ser incentivado a criar suas próprias soluções, pois desta maneira abrirá novas portas e descobertas para a sua vida. É necessário que o aluno, partindo das suas próprias experiências passe por um momento de reflexão para que se torne capaz de possuir um pensamento autônomo.

Pela experiência obtida como aluna no Uruguai, desde a educação infantil até o Ensino Médio, foi possível observar a ausência de apostilas didáticas para o ensino dos conteúdos científicos. Neste país, no período estudado, de 1987 a 1999 os conteúdos eram transmitidos aos alunos de forma que estes através de suas próprias pesquisas e conclusões elaborassem o seu conhecimento. O professor solicita previamente para os alunos uma pesquisa sobre um conteúdo novo a ser estudado, e, junto com o trazido por eles na sala de aula, o educador incentiva a que se possa construir um saber em conjunto. Desta maneira são propostas discussões e reflexões referentes aos conteúdos que serão trabalhados.

Partindo destas considerações, é importante observar que as apostilas escolares como são fornecidas hoje nas escolas para embasar o estudo dos alunos, acabam proporcionando um conhecimento já pronto, desmenuçado e carregado de opiniões de quem as elaborou, e desta maneira o educando acaba somente absorvendo esse conteúdo sem refletir sobre o mesmo, e muitas vezes sem entendê-lo. É fundamental que haja e que o aluno participe de um processo de

construção de saberes. Do contrário o aluno se acomodará e memorizará o que está nas páginas da apostila indicadas pelo professor. Kant (1985) coloca que alcançar a maioria condiciona ao homem a sair do comodismo, do medo de pensar e tenha as suas atitudes, reflita, sem depender de outros.

Neste contexto, Paula Ramos de Oliveira (2004), destaca que o educador não deve considerar o processo educativo como uma via de mão única, pois deve incluir o aluno como parte deste, estimulando-o a que desenvolva seu pensamento, sua reflexão, o uso da sua voz. Ela ainda coloca que

Na realidade, o professor que não considera seus alunos como parte do processo assume como intocável e inquestionável a premissa de que os alunos são incapazes de refletir. Para este tipo de professor, **transmissão** de conteúdo parece pressupor a idéia de neutralidade. O conhecimento é reelaborado a todo instante; está sempre em construção. Na verdade, talvez falte a esse tipo de professor... a capacidade de refletir. (RAMOS DE OLIVEIRA, 2004, p.4)

Para a autora, muitas escolas ensinam a reproduzir o conhecimento, mas a escola deve estar interessada em formar pessoas autônomas, oferecendo experiências democráticas aos alunos, onde estes tenham participação. A filosofia, neste contexto é a mediadora desse processo, pois ensinar filosofia é ensinar a pensar, além de auxiliar na capacidade de ler e compreender um texto, isto é, na capacidade de reflexão forma indivíduos capazes de se perceber como sujeitos que fazem parte da história da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Filosofia não é uma ciência e a ciência não é filosofia, mas elas têm como disciplinas e conhecimentos as suas particularidades, porém devem andar juntas. A filosofia deve fundamentar o conhecimento e o estudo científico.

Os autores citados na pesquisa entram em concordância na visão de filosofia como mediadora para a reflexão e para fundamentar o conhecimento científico. Lauand (1987) coloca que a filosofia não deve ter um sentido utilitarista como muitas vezes a ciência tem, esta deve ser livre e permitir que o homem também seja livre.

A filosofia como pensamento reflexivo, pode manifestar-se em diferentes áreas da vida do ser humano mesmo que este não necessariamente a identifique, mas como Heidegger coloca, ela deve fazer parte da sua essência, pois esta irá guiá-lo na reflexão para buscar possíveis respostas para os seus problemas, questionamentos e indagações. Ser homem significa filosofar e a filosofia está inserida na existência humana.

No cotidiano escolar, esta necessidade se faz presente, quando comparamos as pesquisas realizadas, os professores tanto do Uruguai quanto do Brasil colocam que têm a intenção de usar a filosofia para sua docência, pois a consideram importante, mas na prática, pelo que se observou isso não acontece. É necessário que o professor interiorize a filosofia, a reflexão, como ferramenta na sala de aula, instigando os alunos a pensarem, a questionarem sobre os conhecimentos que recebem e sobre o mundo que os rodeia, pois desta maneira tornar-se-ão cidadãos mais críticos e participativos para enfrentar os desafios da sociedade.

A filosofia é a mediadora, tem como finalidade nos aproximar da sabedoria, como afirma Comte-Sponville, o ato verdadeiro de filosofar é pensar melhor, o que nos leva a uma vida melhor. A filosofia tem como finalidade proporcionar para o homem lucidez, liberdade, felicidade, isto é, sabedoria para a vida. A busca da verdade, da sabedoria não é no final do caminho da vida mas é o aprendizado das experiências do próprio caminho percorrido durante a vida.

A filosofia sobremaneira é relevante no processo educativo na medida em que ela desencadeia reflexões de natureza ética e moral, sobre a vida humana em todos

os seus aspectos que diz respeito a uma conduta responsável na melhoria e na construção de um mundo mais civilizado.

Lipman (1990) destaca que um ensino inspirado por um espírito aberto e crítico, fará com que o aprendizado se torne mais fácil. Ensinar a refletir não é necessariamente proporcionar soluções para a resolução de problemas, mas sim sugerir métodos para a análise destes.

Pensar por si mesmo, é um desafio para a pessoa alcançar a autonomia intelectual, poder refletir, questionar e até mesmo se rebelar, contra as injustiças sociais. A educação deve contribuir para que o sujeito possa atuar na sociedade no sentido de transformá-la, neste sentido a filosofia tem por objetivo conduzir o cidadão a pensar e repensar o meio onde está inserido e através de uma leitura de mundo comprometida eticamente com o bem comum, tentar modificar esta realidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 14 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1991.
- BACHELARD, G. **Filosofia do novo espírito científico**. A filosofia do não. 2 ed. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1976.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentações da Filosofia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- DEWEY, J. **Democracia e educação**. Breve tratado de filosofia de educação. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: BPB (Biblioteca Pedagógica Brasileira), 1936.
- _____ **Experiência e educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1971.
- GIROUX, H. A. **Os Professores como intelectuais**: rumo a uma Pedagogia Crítica da Aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. P. 161-163.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à filosofia**. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KANT, I. **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?** (*Aufklärung*), in TEXTOS SELETOS. Trad. De Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- _____ **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: Editora da Unimep, 1996.
- LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1990.
- LAUAND, L. J. **O que é uma universidade?** São Paulo: Perspectiva, 1987.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____ **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória – Ed. rev. e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- RAMOS DE OLIVEIRA, P. **Filosofia para a formação da criança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

APÊNDICES

ANEXOS

RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS

PROFESSORA A – BRASIL

Responda às seguintes perguntas relacionadas à pesquisa intitulada “Filosofia e Ciência: a importância de ‘andarem juntas’ no cotidiano escolar”.

Responda a las siguientes preguntas relacionadas a la investigación titulada “Filosofía y Ciencia: la importancia de que ‘caminen juntas’ en el cotidiano escolar”

1. No seu ponto de vista, qual a importância da Filosofia e da Ciência andarem juntas no cotidiano escolar para a formação da vida do ser humano?

En su punto de vista, ¿cuál es la importancia de la Filosofía y la Ciencia caminar juntas en el cotidiano escolar para la formación de la vida del ser humano?

A Filosofia, assim como outras áreas do conhecimento não “caminha” sozinha, precisa ter parceiros para preparar e direcionar os rumos da educação.

Os “como”, “onde”, “quando” e “porquês” tão questionadores na ciência, são trabalhados a partir do que a ciência é capaz de explicar.

Neste sentido, são capazes de esclarecer os questionamentos, em prol de uma sociedade mais humanizada.

2. Como desenvolve a prática pedagógica de ensino-aprendizagem relacionando Filosofia e Ciência?

¿Como desenvuelve la práctica pedagógica de enseñanza –aprendizaje relacionando Filosofía y Ciencia?

Para a escola, as capacidades de analisar, discutir, interpretar, esclarecer e questionar são comportamentos que desenvolvem o pensar.

Portanto, os objetos para o estudo da Filosofia estão na natureza e nas relações humanas, ou seja, todas as áreas do conhecimento humano podem sofrer uma pesquisa filosófica.

Esta relação de trabalho entre filosofia e ciência deve ter o papel de mostrar aos alunos que seu posicionamento na sociedade faz a diferença.

PROFESSORA B – BRASIL

Responda às seguintes perguntas relacionadas à pesquisa intitulada “Filosofia e Ciência: a importância de ‘andarem juntas’ no cotidiano escolar”.

Responda a las siguientes preguntas relacionadas a la investigación titulada “Filosofía y Ciencia: la importancia de que ‘caminen juntas’ en el cotidiano escolar”

1. No seu ponto de vista, qual a importância da Filosofia e da Ciência andarem juntas no cotidiano escolar para a formação da vida do ser humano?

En su punto de vista, ¿cuál es la importancia de la Filosofía y la Ciencia caminar juntas en el cotidiano escolar para la formación de la vida del ser humano?

Nem todas as escolas hoje em dia têm a disciplina de filosofia no currículo. O ensino da filosofia deveria começar no ensino fundamental. É muito importante os conteúdos da filosofia para fazer o aluno a refletir sobre o comportamento humano e principalmente sobre os valores, ética que estão se perdendo na sociedade e família brasileira.

2. Como desenvolve a prática pedagógica de ensino-aprendizagem relacionando Filosofia e Ciência?

¿Cómo desenvuelve la práctica pedagógica de enseñanza –aprendizaje relacionando Filosofía y Ciencia?

A filosofia ajudaria nas discussões éticas envolvendo o planeta terra, como: desmatamento e o futuro do planeta, preservação do meio ambiente, clonagem, exportação de produtos naturais, etc.

Com estas discussões os alunos poderão refletir sobre as consequências da ação do homem na natureza para o futuro.

PROFESSORA A – URUGUAI

1. No seu ponto de vista, qual a importância da Filosofia e da Ciência andarem juntas no cotidiano escolar para a formação da vida do ser humano?

En su punto de vista, ¿cuál es la importancia de la Filosofía y la Ciencia caminar juntas en el cotidiano escolar para la formación de la vida del ser humano?

En todo cotidiano escolar, los contenidos que se desarrollan tienden a la formación de los alumnos “para la vida”. Se pretende que ese individuo sea un ciudadano responsable, productivo, solidario y cooperativo, con un espíritu crítico, reflexivo y creativo. Esto solo es posible lograrlo a través del conocimiento de diferentes disciplinas, entre las que la Filosofía y la Ciencia son fundamentales para eso. Estas favorecen el desarrollo de un individuo que pueda reflexionar, analizar, cuestionar, organizar, proyectar, planificar siempre con un espíritu crítico.

2. Como desenvolve a prática pedagógica de ensino-aprendizagem relacionando Filosofia e Ciência?

¿Cómo desenvuelve la práctica pedagógica de enseñanza –aprendizaje relacionando Filosofía y Ciencia?

Partiendo del Curriculum único se elaboran proyectos de centro, áulicos y microproyectos que vehiculizan y facilitan el desarrollo de las mismas. Se atienden sus contenidos en base a los intereses de los alumnos y siempre desde el propio

accionar, desde la experiencia como individuo y como ser social inmerso en una comunidad y teniendo en cuenta los distintos ámbitos en los que se desenvuelve además del escolar.

PROFESSORA B – URUGUAI

1. No seu ponto de vista, qual a importância da Filosofia e da Ciência andarem juntas no cotidiano escolar para a formação da vida do ser humano?

En su punto de vista, ¿cuál es la importancia de la Filosofía y la Ciencia caminar juntas en el cotidiano escolar para la formación de la vida del ser humano?

La Filosofía enmarca nuestro quehacer educativo. Fundamenta paradigmas específicos que individualmente se transmiten en el accionar y que están implícitos en el Currículo.

La Filosofía desarrolla contenidos éticos fundamentales para la vida en comunidad. Además de contenidos conceptuales, las Ciencias desarrollan contenidos actitudinales y procedimentales que sin duda facilitan la convivencia y permiten el desenvolvimiento de estrategias que aseguran el éxito en los diferentes ámbitos en los que se desenvuelve el individuo.

2. Como desenvolve a prática pedagógica de ensino-aprendizagem relacionando Filosofia e Ciência?

¿Cómo desenvuelve la práctica pedagógica de enseñanza –aprendizaje relacionando Filosofía y Ciencia?

La práctica se desenvuelve teniendo en cuenta las características psicológicas del alumno, en función de su edad e intereses.

Se parte de la “vivencia”, del accionar propio y de la experiencia en el desarrollo de los contenidos del programa. La elaboración de proyectos facilita el abordaje de los mismos y a través de su evaluación se analiza la pertinencia de las secuencias establecidas, así como de las estrategias y recursos planteados.